

REDEMOINHOS NAS ÁGUAS D' OS RIOS TURVOS: A PERSONAGEM FILIPA RAPOSA RESSIGNIFICADA NA NARRATIVA DE LUZILÁ GONÇALVES FERREIRA

SWIRLS IN THE WATERS OF OS RIOS TURVOS: FILIPA RAPOSA
RESSIGNIFIED IN THE NARRATIVE OF LUZILÁ GONÇALVES FERREIRA

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar a personagem feminina Filipa Raposa, protagonista do romance *Os Rios Turvos* (1993) escrito pela autora pernambucana Luzilá Gonçalves Ferreira. Sob a ótica da Crítica Literária Feminista e a Crítica Histórica pretende-se evidenciar a singularidade concedida a essa personagem, examinando a sua construção e caracterização no decorrer da obra. Investigam-se, também, imagens, situações que recorrem à condição feminina durante a narrativa, por se considerar tais recorrências relevantes no processo de elaboração da obra, conseqüentemente, da personagem em foco. A escrita da autora em estudo constitui o olhar diferenciado, o olhar das minorias. Sua obra enquadra-se nesta abordagem tendo em vista temáticas destacadas em suas obras serem resultantes do estar no mundo, retratando e questionando as vivências da mulher no dia-a-dia.

Palavras-chave: Ficção. História. Autoria Feminina e Feminismo.

ABSTRACT

The present work aims to present the female character Filipa Raposa, protagonist of the novel *Os Rios Turvos* (1993) written by the author from Pernambuco Luzilá Gonçalves Ferreira. From the standpoint of Feminist Literary Criticism and Historical Criticism, it is intended to highlight the singularity granted to this character, examining its construction and characterization in the course of the work. We also investigate images, situations that resort to the female condition during the narrative, considering these recurrences relevant in the process of elaboration of the work, and consequently, the character in focus. The writing of Luzilá Gonçalves Ferreira constitutes the differentiated look, the look of the minorities. Her work fits in with this approach in view of outstanding themes in her works resulting from being in the world, portraying and questioning the experiences of women in everyday life.

Keywords: Fiction. History. Feminine Authorship and Feminism.

Maria Suely de Oliveira Lopes

Universidade Estadual do Piauí (UESPI) E-mail: suelopes152@hotmail.com

Introdução

Escrever sobre mulheres não significa traçar um perfil técnico que as identifique e as diferencie das outras mulheres do restante do país. No Sul, por exemplo, encontram-se diferentes perfis femininos nos diversos períodos históricos: mulheres oriundas de etnias e várias classes sociais.

No Nordeste, mais precisamente em Pernambuco, destaca-se Luzilá Gonçalves Ferreira, dentre as escritoras que tematizam a condição da mulher em seus papéis familiares inseridos em contextos históricos diversos.

É a partir de um argumento histórico - a presença do tribunal do Santo Ofício em Pernambuco - que Luzilá Gonçalves Ferreira depara-se com Filipa Raposa, esposa de Bento Teixeira através de suas confissões intituladas Confissões de Bento.

Com base nessas informações históricas, a autora constrói, por meio da narrativa, um perfil de mulher. Apesar dos registros históricos, condenarem Filipa Raposa na condição de adúltera, enquanto personagem, ela é representada como a figura feminina que vive conflitos interiores conseqüentes dos vários papéis que ocupa na sociedade enquanto esposa, mãe e mulher.

Antes de analisar a personagem, faz-se necessário tecer alguns comentários sobre a autora e a sua obra em estudo.

Sobre a autora

Luzilá Gonçalves Ferreira foi professora da Universidade Federal de Pernambuco, tendo realizado pesquisa de doutorado sobre Literatura Feminina no século XIX em Paris. É autora de **Ensaio sobre Fernando Pessoa** e criou romance, muito além do corpo, premiado na IV Bienal Nestlé de Literatura. Seu livro **Os Rios Turvos** ganhou o Prêmio Joaquim Nabuco de Biografias da Academia Brasileira de Letras (1993). É a primeira mulher a comandar o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco (IAHGP).

Com um trabalho engajado na história de Pernambuco e principalmente das mulheres, ela escreveu *Um Discurso Feminino Possível* (1992), sobre a Imprensa Feminina em Pernambuco no século XIX e *Suaves Amazonas, Mulheres e Abolição* no Nordeste (1999). Dentre os romances históricos além de *Os Rios Turvos* (1993), destacam-se *A Garça Mal-Ferida* (2002), *No Tempo Frágil das Horas* (2000). Essas obras abordam as damas da aristocracia canavieira decadente em Pernambuco no século XIX.

Sobre a obra

Os Rios Turvos (1992) conta a história de Bento Teixeira poeta judeu cristão novo e que viveu em Pernambuco no século XVI e escreveu longo e complicado poema

de gosto duvidoso, *A Prosopopéia*, mas principalmente conta a história de Filipa Raposa, sua mulher, que denunciou ao Santo Ofício, como herege, naqueles negros anos da Inquisição. Romance com qualidade estética apreciável e que já ganha na contemporaneidade o reconhecimento da crítica por ultrapassar a questão do gênero tanto pela profundidade com que a escritora capta a realidade social e histórica quanto pela capacidade de transmitir esse particular a outras esferas. Essas qualidades, de certa forma, contribuíram para o reconhecimento da autora entre os cânones de autoria feminina.

A escrita de Luzilá Gonçalves Ferreira aponta uma das estratégias narrativas mais características da literatura pós-moderna. A autora se apropria do discurso ficcional. Essa estratégia narrativa é de especial importância para o estabelecimento de uma literatura feminista de sobrevivência, de resistência e de imensa criatividade, pois desafia os pressupostos e os vieses de cânones literários, estabelecidos a partir de critérios hegemônicos que privilegiam a cultura dominante, de caráter patriarcal.

Ao citar o discurso histórico, são lembradas, nesta análise, as relações entre literatura e história que se situam no centro do debate da atualidade e, de acordo com White (1992), apresentam-se no bojo de uma série de constatações relativamente consensuais que caracterizam a contemporaneidade na transição do século XX para XXI: a crise dos paradigmas de análise da realidade, o fim da crença nas verdades absolutas legitimadoras da ordem social e a interdisciplinaridade.

Assim, novos objetos, problemas e sentidos se ensaiam marcados por um ecletismo teórico, numa ótica interdisciplinar e comparativista, e um grande apelo em termos de fascínio temático. Logo, o diálogo entre história e ficção, enquanto objeto de estudo, é uma saída deste esvaziamento e dessa sedução.

A compreensão de que a literatura é, além de um fenômeno estético, uma manifestação cultural do movimento que realiza o homem na sua historicidade, seus anseios e suas visões de mundo, tem permitido ao historiador assumi-la como espaço de pesquisa.

Assim, mesmo que os literatos a tenham sempre produzindo sem um compromisso com a verdade dos fatos, construindo um mundo singular que se contrapõe ao mundo real, é inegável que, através de textos artísticos, a imaginação produz imagens, e o leitor, no momento em que, pelo ato de ler, recupera tais imagens, encontra outra forma de ler os acontecimentos constitutivos da realidade que motiva a arte literária.

Revisando os momentos em que os estudos literários abordam sistematicamente a relação entre os textos de ficção e os textos de história, são notáveis os períodos que compreendem os estudos poéticos da antiguidade, as pesquisas estéticas do Romantismo – século XIX e as novas propostas teóricas gestadas ao longo do século XX, que vieram a se tornar a opção teórica de vários pesquisadores nesse fim de século.

Como se observa, a história da discussão sobre a aproximação ou separação entre literatura e história remonta ao início da teorização de arte ocidental. São discussões antigas e remetem a Aristóteles: o historiador discorre sobre o que aconteceu e o romancista o que poderia ter acontecido. “O que aconteceu”, porém, não

é algo que apareça sem mediações, cabe ao historiador privilegiar aspectos relevantes e interpretar o material coletado. Desta forma a história é:

Produto de seleção e construção; é produto de um trabalho de elaboração que tem leis internas e próprias [...]. A história tem que ser verossímil, tem de nos convencer, tem de ser articulada, não apenas uma coletânea aleatória do que pertenceu a um determinado momento, ou certo intervalo de tempo passado. A história precisa ter um sentido. A exclusão de dados, a valorização e a permanência de outros não pode ser casual.

MIRANDA (2000: 23)

Delineando-se um paralelo com o romance, Miranda afirma que o romancista não precisa se submeter às restrições impostas ao historiador, goza de relativa liberdade, “tem de nos convencer” (pg. 24), caso contrário não despertará interesse. Conclui o crítico que “é principalmente neste ponto que o romance e história, pelo menos certa história, se encontram”.

Tendo feito uma abordagem sobre a autora e a obra sob a perspectiva histórica, passa-se a análise da Personagem Filipa Raposa, parte principal deste trabalho.

Em torno de Filipa Raposa

Na obra *Os Rios Turvos* surge Filipa Raposa, personagem histórica nos tempos da colonização no Brasil. Período em que as mulheres eram bastante subjugadas pelo domínio patriarcal. Todas elas acreditavam que dependiam incondicionalmente, da proteção masculina e não poderiam desempenhar os mesmos papéis sociais que os homens, ou por correrem o risco de masculinizarem-se por falta de capacidade intelectual (ZINANI, 201, p. 118). De acordo com as palavras de Zinani as mulheres eram abafadas na sua condição de inferioridade em relação aos homens. Algumas mulheres se deixavam aprisionar, mas outras usavam de sua inteligência e mudavam o rumo da sua história. Estamos falando sobre Filipa Raposa, personagem histórica ressemantizada em *Os rios tuvos* de Luzilá Gonçalves Ferreira.

A obra foi escrita, como já fora comentado anteriormente, a partir de um fato da história. Ao consultar documentos referentes à presença da Santa Inquisição, em Pernambuco, a autora Ferreira deparou-se com os autos do processo de Bento Teixeira, e, descobriu, através deles, sua esposa Filipa Raposa depois transfigurada em personagem de sua obra, *Os Rios Turvos*.

A personagem de ficção é sempre complexa e múltipla porque, na sua construção, foi possível combinar inúmeros elementos de caracterização os quais podemos dizer incontáveis quando comparados aos traços humanos detectados no modo de ser cotidiano das pessoas. A composição desses elementos, organizados dentro de uma

determinada lógica, cria a ilusão do ilimitado, fazendo de uma figura humana simples e comum como Filipa uma potencialidade de sentimentos, um espaço sem fronteira.

Filipa é brasileira natural do Espírito Santo, paixão de Bento Teixeira e a responsável por um destino trágico na vida real e romanceada. Enquanto personagem, na condição de adúltera, ela se nos revela através do discurso feminino construído pela autora uma nova Filipa Raposa, cuja capacidade de reflexão, ânsia de viver e amar; não a deixam adaptar-se às convenções sociais do século XVII nem se curvar à desconfiança sufocante do marido, que lhe não aceita os excessos de sentidos que trazia em si, nem tão pouco suas exigências, suas fantasias, seu desejo insaciável, que poderá ser constatado na citação de abertura deste subtópico.

O apetite sexual de Filipa era sabido de todos. Desde adolescente tinha uma malícia natural: seduzia – com seus olhos belos e verdes até os padres nos confessionários. Bento via-se obrigado a constantes mudanças: Olinda, Igarassu, nas terras de João Pães Cabo, Freguesia de Santo Antônio. Nesse último lugar, havia pouquíssimos homens, mas Filipa conseguiu trair o marido com Frei Duarte Pereira, vigário da Freguesia de Santo Antônio e único homem do lugar.

O que se observa na obra é que a autora constrói a personagem Filipa, a partir de escassos registros biográficos. Isso é lembrado no pensamento de SILVA (1999), que diz: “ Partindo de uma ótica interdisciplinar, a literatura busca na história elementos que possam ser reescritos no universo ficcional, por meio do olhar subjetista do romancista. SILVA,1999,141)

A maior conquista da obra ficcional é a ocorrência indiscutivelmente maior dos personagens, em comparação com as pessoas reais. Essa coerência vem da limitação imposta pelas orações, devidamente enxugadas pelo autor do texto. É na ficção, em termos epistemológicos, que os seres tornam-se transparentes aos olhos, por se tratarem de seres puramente intencionais, projetados pela construção da escrita.

A personagem Filipa Raposa é mencionada dos documentos históricos como a esposa adúltera de Bento Teixeira, por ele, assassinada, historicamente ela não tem voz. O pouco que se sabe a seu respeito, é mostrado nos depoimentos do marido. Filipa ganha outro perfil e desempenho na obra ficcional a partir de “uma ótica feminina que acrescenta maior complexidade psicológica à personagem” de acordo com SILVA, (1999).

Os Rios Turvos (1993) por ser a obra de cunho histórico, julga-se pertinente citar o comentário feito por SOARES (2000), acerca da evolução desta modalidade. A autora diz que no romance histórico “tradicional” o passado servia de ponto ideal, desempenhando uma função restritiva, já nos romances atuais, a relação com o passado ocorre de forma problematizadora.

Isso se adequa a necessidade que a autora tem de recuperar certas mulheres que pertenceram a história que viveram, silenciadas no espaço doméstico, destinadas a submissão e agora pertencerem a ficção. Mas essa estratégia deve visar mudanças na própria realidade, e não se construir apenas um jogo de palavras (MOI:1985). Sobre esse aspecto Duplessis – (1985) enfatiza a falsa neutralidade das convenções literárias

e demonstra como a prática narrativa pode ser utilizada para interferir e influenciar a construção psicossocial e sociocultural do feminino.

Filipa possuía beleza, educação e inteligência e por isso era condenada pela sociedade machista que queria as “matronas decentes” reclusas ao espaço do lar, e também pelo próprio marido criado ouvindo dos padres que era preciso ter muita cautela com as mulheres, o que piorava em muito a situação do casal. Por conta da condenação masculina (todos que falavam sobre Filipa eram homens), o marido tirou-lhe a vida e o interessante é que fora condenado apenas por seus crimes como herege e mau cristão. Jamais se mencionou no julgamento o assassinio da mulher caracterizado, nas “entrelinhas” do texto, como sendo natural para a época, afinal, ele limpava sua honra.

A personagem de *Os rios turvos* aproveitava-se das suas qualidades para zombar Bento pelos plágios cometidos em alguns de seus versos, muito embora não tivesse a certeza de que ele o fazia com intenção ou inconscientemente devido à aplicação das leituras clássicas. Numa noite, encolerizada, ela o chama de “plagiador descarado e poeta medíocre” (FERREIRA, 2003, p. 22).

Filipa revela através de seu próprio discurso, como uma personagem forte, cujo sentido de amor e liberdade são distinto daqueles aceitos pela sociedade de seu tempo, razão pela qual, no universo ficcional de *Os Rios Turvos* (1993), diferentemente do que a história prega, Filipa não se desvela aos olhos do leitor, continua, pois como um enigma a ser desvendada, enquanto Bento, ao contrário, é apresentado linearmente como injusto, como assassino, ciumento e implacavelmente preconceituoso, condenando a mulher pelo fato da mesma revelar competência e inteligência, o que a tornava um ser de exceção no mundo histórico em que viveu. Se Filipa foi traidora e infiel à responsabilidade pela atitude da personagem feminina coube a Bento, pois na condição de marido sempre lhe negou a satisfação pessoal em todos os níveis como podemos perceber no fragmento citado abaixo: “ Não me fales de obediência. Também tu juraste me amar, e quando queres pode viajar a qualquer parte, e me deixas só o dia inteiro, e nem pensas no juramento que fizeste. Diante de Deus e dos homens. (FERREIRA, pg.130).

Diante desse fato, Luzilá Gonçalves Ferreira mais uma vez consegue, pela força, complexidade e inadaptação a sociedade de sua época, características peculiares à personagem Filipa. Ela é descrita de forma variada por todos os personagens que compõe a obra. Essa descrição denota muitas vezes desprezo pelas ações praticadas por ela, como as traições, por exemplo.

Para Cândido (2000) uma personagem deve ser convencionalizada. A convencionalização é o trabalho de selecionar os traços dados a impossibilidade de descrever a totalidade de uma existência.

Filipa se faz presente sob diversas maneiras: ela é construída através de vários pontos de vista, seja do ponto de vista do discurso da narrativa, dos outros personagens que compõem a trama e a partir de si mesma. Vale ressaltar que as descrições de Filipa (físicas e psicológicas) são modificadas de acordo com a ocasião “vívida” por Bento. Ao imaginar-se traído, ele forma a seguinte imagem da mulher:

Filipa Raposa. O nome lhe caíra bem. Uma carnívora, uma devoradora de homens, um animal malicioso, astuto, pérfido, com aquela pelagem ruiva, que bem metaforiza as chamas que eram o seu apanágio, que ardiam nela sem nunca se extinguir. E aqueles olhos verde, brilhando no escuro, como os dos animais. (FERREIRA:1993; pg. 134)

A personagem em estudo vivencia na narrativa um eterno conflito. Ao seu redor é construído um universo de desconfiança, de sufoco, onde ela é sempre incompreendida. Seus gestos, seus gostos, suas preferências de leitura. Bento se sentia incomodado até com os presentes que ela recebia, vejamos: “ - E estas flores, Filipa, como as tiveste? - Exijo que me respondas. E ela responde: - Enquanto falares assim, não te responderei”. (FERREIRA, 1993, PG. 140).

Esse fragmento aponta para a decadência do patriarcado, apesar de a personagem continuar enredada no contexto familiar, que destrói qualquer forma de realização. Zinanini (2010,p.69) nos diz que as mulheres, de um modo geral, sob o domínio patriarcal, foram levadas a acreditar que dependiam da proteção masculina sendo que não poderiam desempenhar os mesmos papéis sociais que os homens, correndo o risco de se masculinizarem. Na oposição entre masculino e feminino, é o homem que detém a hegemonia. Por mais que Filipa seja dona de seus atos é Bento que detém a hegemonia. Porém, Filipa é consciente de suas necessidades como sujeito de si, e não tem nada temer em relação ao meio social, embora seja travada por outras personagens que embora mulheres representavam outro sistemas de poder, igualmente ao da esfera religiosa.

__Madre, se eu buscasse em outro homem o que não me quer dar meu esposo?
__Filha minha!
__Credes que é pecado?
__Pecado mortal, filha.
__Mas Bento está fugindo aos seus deveres...
[...]
__Deveres, eu te disse deveres. Chamar a isso deveres, a essa coisa que poderia ser tão esplendorosa.Madre, Bento jurou ante o altar que me faria feliz. (FERREIRA, 1993, p. 100-101)

Constatamos que o diferencial é que ela não se enquadra no contexto social das mulheres casadas, nem tampouco no contexto das mocinhas sonhadoras. Filipa não pode abafar sua sexualidade por esta fazer parte de sua subjetividade feminina. O sexo faz parte da sua prática de vida como sujeito dono de sua própria história. Filipa utiliza também o sexo como forma de poder. Através dele busca a afirmação de sua alteridade como mulher.

A corporeidade feminina, ainda de acordo com Zinani (2010, p.69) é utilizada para justificar as desigualdades sociais. Filipa representa, na narrativa, o empoderamento das mulheres, mas subjugada as normas patriarcais representada na figura de Bento.

Filipa, por meio de seu corpo e de suas paixões, representa, na concepção patriarcal, a força natural que deve ser controlada, isenta de qualquer liberdade de escolhas. Considerada diferente dos homens na esfera social, as mulheres não participam do contrato original. Elas são objeto do contrato. O contrato sexual é o meio pelo qual homens transformam seu direito natural sobre mulheres na segurança do direito patriarcal civil (PATEMAN, 1993, p.21 apud ZINANI, 2004, p.69).

Dessa maneira, a ordem social da família é assegurada se o marido for considerado o senhor, pois, dessa forma, os desejos femininos podem ser trolados pelo direito patriarcal. As relações das mulheres com o meio social são mediadas pela razão do homem, pois os corpos femininos são submetidos à razão e às decisões masculinas. Como saída apresentavam o casamento, no qual a troca de proteção do marido, a mulher lhe prestava obediência.

Outro aspecto que merece relevância é que na obra, a denúncia contra Bento não foi realizada por dever para com a Igreja e a religião, mas o desejo de destruir-lhe a vida, e não colaborar com a Inquisição. Instala-se na narrativa um discurso de libertação dentro de espaço que ela frequenta.

Além das idéias tão bem defendidas, a personagem traduz-se através de cenas comuns, à primeira vista prosaicas, como por exemplo, o cuidado consigo mesma e com a casa.

Uma passagem importante na narrativa é a noite de amor em que unidos num momento de rara felicidade para Filipa, seria um momento de devassidão para Bento.

[..] Mais me fere tua indiferença. Vivo ao teu lado com se fosse tua irmã e mais ainda: cuidar de mim como um avarento cuida do seu bem. Como um cão que não deseja mais o osso e, entretanto o não quer largar para os outros. (FERREIRA, 1993, p.140).

Ele teme ser o culpado de ter levado sua esposa ao desejo de devassidão. As passagens selecionadas para análise representam os perfis de Filipa enquanto figura histórica e personagem da ficção. Ambos os enfoques evidenciam a instauração de um discurso comovente e singular opondo-se à ausência da voz perpetuada no silêncio histórico.

A protagonista sendo sujeito de sua própria história não se deixa abalar pela opressão que sentia por Bento. Corajosa, ultrapassa o espaço doméstico, embora nele fixado- para alcançarem para alcançarem novas perspectivas de vivência, atuando na desconstrução do discurso patriarcal.

Considerações finais

A escrita de Luzilá Gonçalves Ferreira constitui o olhar diferenciado, o olhar das minorias. Sua obra enquadra-se nesta abordagem tendo em vista temáticas destacadas em suas obras serem resultantes do estar no mundo, retratando e questionando as vivências da mulher no dia-a-dia.

A Crítica Feminista se destaca das demais vertentes críticas pelo seu caráter político, não se trata de mais uma perspectiva teórica entre tantas outras, mas de uma postura que repense a condição da mulher no seu cotidiano familiar consequentemente histórico. Trata-se de uma estratégia feminista que desvela o arcabouço patriarcal presente nas obras apontando para a libertação do feminino.

Através de Filipa Raposa, personagem em estudo, procurou-se estabelecer um modo particular de ver a mulher, que se revela a princípio de modo arbitrário por práticas adúlteras – é representada por uma voz que ecoa por todo o espaço romanesco, que não se esconde por trás das palavras do marido, ao contrário, ousa contestá-las. A personagem Filipa não representa o modelo de mulher que se repete, ao contrário, ela busca uma solução do impasse em que estava posta. Sua condição de mulher casada e adúltera não a impediam de tomar as rédeas de seu destino.

Sendo assim, a personagem em estudo, traça um projeto de vida de acordo com suas escolhas, e dessa forma procura ser feliz, driblando as regras impostas pela sociedade. Se outorga o direito de viver segundos os seus desejos, experienciando vivências consideradas impensáveis no universo feminino.

Por ter cometido adultério, não sente por um momento sentimento de culpa, ao contrário, procurava viver sempre embalada pelos seus sonhos.

Portanto, diante dos fatos narrados, o leitor deverá se manter atento a cada momento da narrativa para compreender a trajetória de Filipa enquanto figura histórica e da personagem que só queriam se sentir seres de existência.

Referências

A ESCRITA DA NOVA MULHER/ Luzilá Gonçalves Ferreira (Org). Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2005.

ARISTÓTELES. *Poética*. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2004.

BRAIT, Beth. *A Personagem*. São Paulo. Ed. Ática Série Princípios, 2004.

CÂNDIDO, Antônio. *A Personagem de Ficção*. São Paulo. Ed. Perspectiva, 2000.

CÂNDIDO, Antônio. *A Personagem de Ficção*. São Paulo. Ed. Perspectiva, 2000.

DUPLESSIS, Raquel Blau. *Whriting Beyond the Ending: Narrative Strategies of Twentieth – Century Women Writers*-Bloomington: Indiana UP, 1995.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. *Os Rios Turvos. Rio de Janeiro*, Rocco, 1993.

GOTLIB, Nádya Batela. Org. *A Mulher na Literatura*. Belo Horizonte – Imprensa da UFMG, 1990.

HISTORIAS DAS MULHERES DO BRASIL / Mary Del Priori (Org/ Carla Bassanezi (Coord. De Textos) 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

HOLANDA, Heloísa Buarque. Org. *Tendência e Impasses – O Feminismo como Crítica da Cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MIRANDA, José Américo. *Romance e História*. In: BOECHAT, M. C. B. OLIVEIRA, P. M. & OLIVEIRA, S. M. P: *Romance Histórico: Recorrências e Transformações*> Belo Horizonte: Fale, UFMG, 2000.

MULHER E LITERATURA;Hstória, gênero e sexualidade/org.Cecil Jeanine Albert Zinani, Salete Rosa Pezzi dos Santos.- Caias do Sul,RS:Educs,2010.

SILVA, Ivana Maria Martins. *A Representação do Passado Histórico na Narrativa Ficcional: O Caso da Literatura Pernambucana*. IN: SOARES, Maria Elias & ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. *Anais da XVI Jornada de Estudos Lingüísticos*. Fortaleza: UECE, 1999.

SOARES, Maria de Lourdes. *O Romance de José de Saramago: Um Novo Paradigma do Romance Histórico*. IN:BOECHAT, M. C. B.; OLIVEIRA, P. M. e OLIVEIRA, S. M. P.: *Romance Histórico: Recorrência e Transformações*. Belo Horizonte: Fale, UFMG, 2000.

MOI, Toril. *Sexual / Textual Politcs: Feminist Literary Theory*. London: Methuen, 1985.

WHITE, Heyden. *Meia História e a Imaginação Histórica no Século XIX*. Trad. José Loureiro de Melo. São Paulo. EDUSP , 1992.